

O PIONEIRISMO EM UM ACERVO PAULISTA — DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA E A PRESERVAÇÃO DA ARTE SACRA EM SÃO PAULO

*Christian Mascarenhas*¹

Este artigo trata de um dos aspectos da pesquisa de mestrado, ainda em fase inicial, que visa investigar as contribuições do acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo (MAS-SP) para a história das coleções na cidade e no estado, qual a importância de sua coleção de pintura europeia e de que modo ela pode contribuir com o debate historiográfico e de preservação do patrimônio da cidade de São Paulo.

Aqui será abordado o aspecto que se pode chamar de “coleccionismo institucional” de arte sacra promovido de modo pioneiro no Brasil por Dom Duarte Leopoldo e Silva, 1º arcebispo paulista.

Como é bem sabido, o tema da produção artística e sua preservação está indissolúvelmente ligado ao discurso e ao entendimento histórico da sociedade. Em São Paulo, a vanguarda das instituições museológicas cabe no aspecto historiográfico ao Museu Paulista (1895) e, no tocante à produção artística, à Pinacoteca (1905). Dentro desse contexto, a iniciativa isolada de criação de um museu de arte sacra em São Paulo surge como pioneira no país, graças ao trabalho visionário empreendido por Dom Duarte durante as quatro primeiras décadas do século passado, quando esteve à frente do governo da Arquidiocese de São Paulo (1907-1938).

Entender um pouco quem foi esta figura antes de alcançar o episcopado, pode nos ajudar a compreender melhor suas decisões e feitos como bispo através de algumas pistas. Nascido em Taubaté em 1867, Duarte Leopoldo e Silva chegou a iniciar seus estudos na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, mas abandonou o curso. Após isso, acabou optando por farmácia na Faculdade Nacional de Medicina no RJ, curso do qual, após um período de doença também resolveu desistir. Voltou então para a casa dos pais, na época em Caçapava, onde decidiu ingressar no seminário. Famoso por sua erudição, além de padre era também professor universitário. Anos mais tarde, foi nomeado bispo de Curitiba e, dois anos depois, em 1907, escolhido para ser bispo de São Paulo, quando do falecimento do bispo paulista num naufrágio.

Já na primeira década do século XX, aproximadamente a partir de 1908, Dom Duarte começou a reunir, movido por seu impulso de colecionador² e admirador de arte, as peças sacras das antigas igrejas e capelas paulistas, da capital e do interior do estado, bem como de outros pontos do Brasil, evitando que essas sumissem ou fossem destruídas frente ao avanço do “progresso” da época e salvaguardando para a

¹ Mestrando em História da Arte pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP).

² Sua coleção particular de numismática com quase nove mil peças é ainda hoje de grande valor, devido ao volume de itens e sua amplitude temporal.

posteridade esse precioso acervo. Seus interesses ficam ainda mais visíveis ao lembrar que ele foi também membro ativo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de cuja sucursal paulista chegou a ser inclusive presidente.

Infelizmente, ainda não foi encontrada documentação segura relativa à data de criação do Museu da Cúria. No entanto, através das políticas de preservação dos bens da igreja adotadas pelo prelado de São Paulo antes da demolição da antiga Sé paulistana em 1911, já fica evidente o desejo embrionário da criação de uma coleção.

Para compreender esse movimento, é importante lembrar que ele foi o “idealizador” da nova catedral. Na verdade, a ideia já existia, mas foi Dom Duarte quem a materializou na atual construção. Desde meados do século XIX já havia a ideia da necessidade de uma nova catedral, mas o primeiro passo concreto foi apenas em 1912, quando o então arcebispo convoca uma reunião com as pessoas mais influentes da sociedade paulista e cria a comissão pró-catedral³, que leva a cabo a construção do novo templo.

Naquele momento, Dom Duarte determinou a distribuição das obras de arte e objetos sacros da igreja a ser demolida por diversas paróquias da capital, com o intuito de reuni-los posteriormente em uma coleção unificada, juntamente com as peças que havia recolhido de outras igrejas e capelas. Assim, ele pode ser considerado o primeiro realizador de um museu de arte sacra no Brasil, dando a São Paulo um valioso conjunto, hoje comparável a poucos no país.

O primeiro edifício a abrigar a coleção de forma unificada e institucional foi o prédio da Cúria, situado na época à Praça Clóvis Bevilacqua, no bairro da Sé. Inicialmente neste edifício e, posteriormente num prédio anexo construído ao lado para esse fim, funcionou por meio século o Museu da Cúria Metropolitana ou Museu de Arte Sacra do Arcebispado, criado pelo prelado paulista como uma dependência do Arquivo da Cúria e administrado à época pelo Comendador Francisco de Sales Collet e Silva⁴. Lá, todas as peças foram reunidas num espaço seguro, porém muito pequeno, o que não facilitava sua visitação pública, fato inclusive atestado por Mário de Andrade numa de suas cartas ao SPHAN após visita ao museu em 1943⁵, já cinco anos após a morte de Dom Duarte.

O museu que visava salvaguardar artefatos de uso religioso, litúrgico e civil foi constituído para preservar parte importante da memória histórica e artística da cidade, do estado e do próprio país por meio da formação de um rico acervo constituído de arquitetura, mobiliário, pinturas e desenhos, imaginária, prataria e ourivesaria, indumentária e alfaias, livros e documentos raros, presépios e numismática procedentes de São Paulo e diversas partes do Brasil e de outros países.

³ MATTOS, 1986, p. 41

⁴ SOUZA, 2004, p. 434.

⁵ Arquivo IEB-USP, Mário de Andrade, MA-SPHAN-151.

A atual instituição, hoje chamada de Museu de Arte Sacra de São Paulo, foi criada em 1969 por meio de um convênio celebrado entre o Governo do Estado e a Mitra Arquidiocesana de São Paulo e é sediada no Convento da Luz⁶, um histórico edifício setecentista construído em taipa de pilão que anteriormente já abrigava o Mosteiro das Irmãs Concepcionistas, no bairro da Luz em São Paulo. A transposição do acervo para o Convento da Luz é um importante evento posterior ao falecimento de Dom Duarte, mas consequência de seus esforços. Testemunho da São Paulo colonial, o edifício, assim como o acervo recolhido por Dom Duarte, é um raro exemplar de preservação do patrimônio histórico frente ao crescimento da cidade.

As palavras do Professor Benedito Lima de Toledo são bem expressivas no que se refere ao valor histórico desta obra ímpar da arquitetura paulista:

O Mosteiro da Luz é o mais eloquente documento da arquitetura colonial que sobreviveu em São Paulo, e sobreviveu com toda a sua integridade. Quem conhece a permanente mutação desta cidade constata que este fato é realmente extraordinário, para não dizer um milagre⁷

. A partir desta fala, destaca-se que não foi por acaso a escolha daquele edifício para abrigar o acervo de arte sacra – com a migração para o Mosteiro da Luz, essas peças são devolvidas a um edifício que pertence à memória do passado colonial. Mais que isso, o que antes era patrimônio exclusivo da cúria, passa a “pertencer” à cidade⁸.

Cabe, neste ponto, ampliar rapidamente este discurso para a história da cidade. A escolha feita no final da década de 60 a respeito da transferência das coleções do prédio da cúria para o Mosteiro da Luz, transformando-o em um museu, foi uma decisão importante também do ponto de vista da preservação daquele edifício. Esse viés estratégico assumido dentro da história da preservação paulista influenciou ainda diretamente a própria paisagem de São Paulo, pois o edifício colonial do Convento é restaurado com o intuito de resgatar seus aspectos originais, removendo descaracterizações sofridas com passar dos séculos, e o complexo volta a ser um organismo vivo na cidade, retomando seu significado histórico.

A decisão de recolher aquelas peças e criar um museu de tipologia sacra e religiosa, um movimento inédito no Brasil, constituiu um marco importante na cultura do início do século passado, mostrando uma mudança de atitude em relação ao tema da conservação do patrimônio sacro que merece ser estudada por seu pioneirismo. Através de um pensamento original nos campos do colecionismo e da preservação, o projeto do prelado paulista foi precursor e vai de encontro à reflexão moderna sobre o que deveria ou não ser preservado da destruição e do esquecimento.

⁶ Edifício tombado pelo SPHAN em 1943 e cuja construção foi iniciada em 1774 por Frei Galvão. Sua origem remonta a uma primeira capela já mencionada em 1579 numa carta de Anchieta (ARROYO, 1966, p. 3).

⁷ BONANNI; SCHMIDT, 1987, p. 37-38.

⁸ Do ponto de vista da preservação é interessante perceber que a partir de 1969 aquele patrimônio torna-se dividido com o governo estadual, que proporciona a salvaguarda e ampliação do acervo.

Por muito tempo, a própria Igreja (através do clero), demoliu os edifícios coloniais para reconstruí-los numa forma considerada mais adequada às exigências modernas, ao “gosto” moderno, por vezes negligenciando seu acervo. Com a migração do museu para o mosteiro da luz, essas peças são devolvidas a um edifício que pertence à memória do passado colonial.

Nas atitudes de Dom Duarte, pode-se ver um projeto inovador para a época e coerente com a modernização da cidade, com a crescente metrópole. Assim, a história da formação dessa coleção abre caminho para a reflexão sobre a história da preservação durante o processo de modernização e a relação desse patrimônio sacro com a própria paisagem paulista.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo: introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade**. SP: Companhia Editora Nacional, 1966.

BONANNI, Hugo; SCHMIDT, Carlos Von (coordenadores). **Museu de Arte Sacra, Mosteiro da Luz**. São Paulo: Ed. Artes, 1987.

COUTINHO, Maria Inês Lopes (org.). **Museu de Arte Sacra de São Paulo**. São Paulo: Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2014.

DANTAS, Arruda. **Dom Duarte Leopoldo**. SP: Sociedade Impressora Pannartz, 1974.

GODINHO, Padre Antônio de Oliveira (org.). **O Museu de Arte Sacra de São Paulo**. São Paulo: Banco Safra/Melhoramentos, 1983.

MATTOS, Mons. Sylvio de Moraes. **A Igreja Matriz da Vila de São Paulo e a velha Sé**. São Paulo: Cúria Metropolitana de São Paulo, 1986.

_____. **A nova catedral de São Paulo**. São Paulo: Cúria Metropolitana de São Paulo, 1986.

NETO, Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro. **Museu de Arte Sacra de São Paulo**. São Paulo: Gráficas Brunner, 1973.

SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo. 1554-2004**. São Paulo: Paulinas, 2004.